

## ***Caminho para o Rio*<sup>1</sup>: Liliana Syrkis - “Da Sibéria até o Brasil”**

Aleksandra Pluta

Tradução de Luiz Henrique Budant<sup>2</sup>

Universidade Federal do Paraná

Aleksandra Pluta - nascida na Polônia, mestre em Jornalismo pela Sapienza Università di Roma, Itália, e doutora em Literatura pela Universidade de Brasília. Sua pesquisa concentra-se nos assuntos relacionados à imigração polonesa nos países da América Latina. É autora dos livros: *Na onda da história. Imigração polonesa no Chile*, 2009, Raul Nalecz-Malachowski. *Memórias de dois continentes*, 2012, Andrés, uma vida em mais de 3.000 filmes, 2014, Ziembinski. *Aquele bárbaro sotaque polonês*, 2016, *Caminho para o Rio*, 2017. Seus livros foram publicados na Argentina, no Brasil, no Chile e na Polônia.

### **LILIANA SYRKIS** ***“Da Sibéria até o Brasil”***

Liliana Syrkis, nascida Binensztok, nasceu em 14 de outubro de 1923, em Pinsk. Em 1939, junto com sua mãe e sua irmã mais nova, foi deportada para a Sibéria, onde trabalhou em um colcoz. Um ano após a guerra, retornou à Polônia. Seu pai, Alfred Binensztok, foi assassinado em Kharkov, em 1940. Na segunda metade dos anos 1940, ela partiu com a mãe e a irmã para a Suécia. Em 8 de junho de 1948, elas desembarcaram no porto do Rio de Janeiro, após fazerem parte da tripulação do navio Groix. Após a chegada, passou a trabalhar como auxiliar de costura em um salão de *haute couture*. O setor de chapelaria era dirigido por Róża Poznańska, mãe de Eugeniusz Syrkis, com quem Liliana logo viria a se casar. Com o passar do tempo, Liliana se tornou a proprietária da boutique, cujo nome mudou de Maison Colette para Maison Liliana. Seu filho, o político e jornalista Alfredo Syrkis, nascido em 1950, é autor dos romances *Os carbonários* (pelo qual foi premiado com o Jabuti, em 1981), *Roleta chilena* (1981) e ainda *Corredor polonês* (1983). Liliana é autora de uma autobiografia, intitulada *Lila* (2011).

---

<sup>1</sup> O livro *Droga do Rio (Caminho para o Rio)* é composto de entrevistas com imigrantes poloneses no Brasil concedidas à Aleksandra Pluta.

<sup>2</sup> Mestrando do programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Professor substituto de língua polonesa no Departamento de Polonês, Alemão e Clássicas da UFPR. E-mail: luiz.henrique.budant@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-4265-3133>.

## Deportação para a Sibéria

Em 1939, eu tinha 16 anos. Certo dia, estou indo para a escola, entro na classe e minhas colegas comentam entre elas:

– Você soube que hoje a Lila foi deportada para a Sibéria?

Eu lhes disse que não tinham me deportado para parte alguma, mas entendi que, provavelmente, naquele meio-tempo em que saí de casa e fui até a escola, a NKVD veio para buscar minha mãe, então eu voltei correndo para casa, para não a deixar sozinha. Minha irmã Janeczka tinha 6 anos. Minha mãe disse que não a levaria para aquela jornada, que seria melhor deixá-la em Pinsk com a vovó. Porém, ela mudou de ideia no último instante e a levou consigo, dizendo:

– O que quer que aconteça comigo e com a Lila acontecerá com a Janeczka. E o que seria de nós se mamãe a tivesse deixado? Todos os judeus de Pinsk foram assassinados, talvez uns três tenham se salvado. Então foi um milagre que tenhamos conseguido partir para a Sibéria, onde, é verdade, passamos frio e fome, mas sobrevivemos.

Era abril de 1940. Viajamos em trens de carga por três semanas. Sentávamos nuns paletes de madeira, sobre os quais havia um pouco de palha. Parávamos de vez em quando nas estações. Nelas, nós recebíamos pão preto e *kipiatok*, isto é, água fervendo. Em cada estação, havia um cano com água fria e um com água quente. Passamos por Petro-pavlovsk e chegamos à cidade de Kokshetau. Lá nos transferiram para um trenó puxado por bois. Andamos dois dias até chegar ao vilarejo de Aryk Balyk. Já era começo de maio, mas a neve ainda cobria tudo.

Como por toda a Rússia, lá também havia a NKVD para, em teoria, vigiar-nos, mas para onde é que nós poderíamos fugir? Certa vez, li um livro<sup>3</sup> sobre um tal oficial polonês – o único que conseguiu fugir da Sibéria. Passaram-se dois anos até que ele chegasse à Pérsia. Portanto, nenhuma forma de vigilância era necessária, pois qualquer tentativa de fuga não teria o menor sentido.

No dia seguinte, mandaram-nos de Aryk Balyk para um lugarejo com uma única rua: Novosvetlovka, onde moraram conosco outras cinco famílias de Pinsk. Eram famílias de militares, sobretudo de suboficiais com os quais fizéramos a viagem de trem. Uma delas era vizinha nossa em Pinsk, morava na mesma rua que nós. O restante das pessoas não conhecíamos. Lá passamos uma fome terrível.

---

<sup>3</sup> Trata-se provavelmente do livro de Sławomir Rawicz, *Caminho da liberdade*, que foi publicado também em português e adaptado para o cinema por Peter Weir.

Depois daquele lugarejo nos mandaram para uma cidadezinha onde comecei a trabalhar após terminar a escola. De início no hospital, depois no colcoz<sup>4</sup>. Mamãe chorava, estava completamente sem chão. Era uma mulher que nunca havia trabalhado na vida e não conseguia se adaptar àquelas novas e trágicas condições de vida. Minha irmãzinha era pequena, então as duas dependiam de mim. Deram-nos um pedacinho de terra localizado a seis quilômetros do vilarejo. Lá eu podia plantar batatas. Eu as semeei na primavera, plantei durante o verão e, no outono, colhi uma tonelada delas. Cada uma das casinhas tinha um porão. Guardávamos as batatas lá e, durante o ano todo, não tínhamos outra coisa para comer. As pessoas passavam uma fome tão terrível que, com frequência, ficavam inchadas de fome.

Assim que cheguei, comecei a frequentar a escola. É verdade que, no começo, eu ainda não sabia russo, mas a ambição me impulsionou a aprender rápido para conseguir bons resultados. Lá não tinha um vilarejo em que não houvesse uma escola. O ginásio que eu frequentava ficava a uma distância de dezessete quilômetros de Novosvetlovka. No verão e nos dias sem aula, eu trabalhava no colcoz. No começo, eu fazia tijolinhos de estrume de vaca. No verão, eles eram secos ao sol, depois, durante o inverno, eram queimados no forno.

### **O trabalho no colcoz**

O trabalho no colcoz era cansativo. Quase não havia mais homens, pois tinham sido convocados para o Exército, então nós trabalhávamos do nascer ao pôr do sol.

Um dos trabalhos era capinar o campo de centeio. Lá crescia losna e cardo. Quando arrancávamos a losna, sentíamos o amargor nos lábios, por isso se diz que algo é amargo como losna. O cardo, por sua vez, tem es pinhos, então precisávamos proteger a mão com um pano, caso contrário, ficaria toda cheia de sangue. E assim, de manhã até a noite, eu arrancava, limpava e capinava curvada. Entre nós, havia uma polonesa que trabalhava na colheitadeira, ela se saía melhor. Eu trabalhei por um tempo num silo; tinha de passar o centeio de um silo ao outro. Eu usava umas botinhas então enchia com um punhado de centeio uma bota, com um punhado a outra. Se me pegassem roubando, seriam cinco anos de cadeia. Mas por sorte não pegaram. Quando voltava para casa depois do trabalho, pegava as sementes e as moía entre duas pedras. Depois, jogávamos água quente nessas sementes moídas grossas, e era nosso banquete. O ser humano suporta tudo, acostuma-se

---

<sup>4</sup> Colcoz - unidade de produção agrícola rural, característica da antiga União Soviética, em que os camponeses, organizados sob a forma de cooperativa, desenvolviam a exploração de terras do Estado, a quem cabia uma parte da produção.

a tudo. Lá havia um ditado que dizia que o ser humano é mais duro que o aço, sobrevive a tudo, até mesmo ao que o metal não pode sobreviver.

\*\*\*

Quando eu trabalhava no hospital, contaminei-me com tifo. Foi no tempo que vinham os trens com os deportados do Cáucaso. O verão foi excepcionalmente quente, e não havia nem sinal de higiene nos trens, então a epidemia já começou nos vagões. Os doentes foram trazidos para nosso hospital. Não havia lugar, não havia camas, então todos ficavam deitados lado a lado no piso. Naquela época eu trabalhava no administrativo, mas, quando precisava, aplicava as vacinas contra varíola. Certo dia, eu disse ao médico:

– Doutor, encontrei um piolho bem grande. Estou com medo de que possa ter pegado tifo.

E, depois de vinte dias, o tifo. Uma doença horrível, a febre chega a quarenta graus. Alguns têm alucinações, é preciso amarrá-los na cama. Muita gente morre dessa doença. Mas eu sobrevivi.

## **O inverno**

O inverno na Sibéria é lindo. A neve brilha no sol como uma infinidade de cristais. A temperatura cai a quarenta e cinco graus abaixo de zero, mas o clima é seco, então, apesar daquele frio todo e da fome, eu nunca peguei um resfriado lá. Nos pés, usávamos *walonki*, calçados de lã. Quando se tosquia uma ovelha, a primeira lã é longa, boa para fazer novelos, para fios, e, depois, para fazer um xale ou uma saia; a segunda é curta e dá para fazer *walonki* com elas. Além disso, usávamos *onucki*, que, às vezes, eram feitos de tricô, mas geralmente eram só uns trapos que enrolávamos em volta dos pés.

O pior eram as noites. No inverno, os dias são muito curtos, e nós não tínhamos lâmpadas de querosene, apenas garrafinhas com querosene e um pavio dentro. Comprávamos um pouco de querosene e queimávamos o pavio. Chamávamos aquela lampadazinha de *fumacentinha*, pois fumaçava muito. O nariz ficava todo preto por dentro por causa disso. Às noites, quase às cegas, eu tricotava vários lenços e luvas para que não passássemos tanto frio. Quando a neve já estava acumulada, me emprestaram um trenó para ir ao bosque pegar lenha e trazê-la para nos aquecermos. Até então, nos aquecíamos apenas queimando os tijolinhos de estrume que eu tinha feito. O bosque era um tanto longe do vilarejo, e eu fui sozinha e precisei cortar as árvores, cortá-las em toras e colocar a lenha no trenó. Quando voltei para casa, já estava totalmente escuro. Minha mãe me recebeu na

frente da casa e me deu meio copo de *bimber*, que lá destilavam da batata. Ela me mandou beber num gole só. Ela não deixou que eu entrasse em casa tão congelada e dura de frio. Assim o sangue começou a circular melhor e as mãos a se esquentar.

No verão, ao contrário, era muito quente. Lá o clima é continental – os invernos são muito severos, o verão, curto e quente. Enfim, eles sempre diziam que o clima de lá é muito bom: só nove ou dez meses de inverno, todo o resto é verão. Na primavera e no outono, eu andava descalça. Os mais abastados tinham calçados de couro, mas apenas os ricos locais, não nós.

### **Depois da guerra**

Voltamos da Sibéria para a Polônia de trem, na segunda metade de 1946. Ainda tínhamos esperança de que papai estivesse vivo. Só depois começaram a correr os boatos sobre o massacre de Katyn<sup>5</sup>, mas nada concreto. Somente depois dos processos de Nuremberg, tudo ficou às claras, mas isso também não chegou muito à Polônia. Foi exatamente quando chegou aos nossos ouvidos que papai tinha morrido em Katyn. Logo depois, ocorreu o *pogrom* de Kielce.<sup>6</sup> Naquele momento, minha mãe já sabia que era viúva e encontrou-se em Varsóvia com nosso antigo vizinho de Pinsk, também viúvo. Ele planejava emigrar para a Austrália e disse que nós também deveríamos deixar a Polônia após o ocorrido em Kielce.

– Vocês estão vendo o que acontece aqui na Polônia? – disse.

Antes que saíssemos da Polônia, em 1947, eu ainda morei um ano em Varsóvia, na rua Stalowa, número 45. Eu trabalhava no Comitê Central de Judeus da Polônia, datilografei umas coisinhas e submeti um pedido para entrar na universidade. Fui aceita na Universidade de Varsóvia, no departamento de medicina (pediatria).

Um tio meu já morava no Brasil. Ainda antes da guerra, ele trabalhava numa organização que se ocupava das questões da emigração de camponeses poloneses. Foi por seu intermédio que muitos poloneses se estabeleceram em Curitiba. Quando a guerra começou, ele estava no Brasil. Quando soube que somente nós, de todos da família, tínhamos sobrevivido, nos escreveu informando que enviaria documentos e passagens, para que embarcássemos o mais breve possível. Mas houve certas dificuldades, pois durante o governo de Getúlio Vargas os judeus não eram aceitos no Brasil. Então, em 1947 partimos para a Suécia, onde ficamos por quase um ano. Tínhamos medo de não conseguirmos

<sup>5</sup> O massacre de Katyn foi a execução em massa dos prisioneiros de guerra poloneses a mando de Stálin pela NKVD, em 1940. Calcula-se que foram assassinados com um tiro na nuca cerca de 22 mil presos.

<sup>6</sup> O pogrom de Kielce, que vitimou 37 judeus, aconteceu em 1946 e foi perpetrado pela população civil, Exército e polícia poloneses. A causa do *pogrom* foi um boato sobre o assassinato ritual de uma criança.

nos adaptar, mas lá era, literalmente, uma terra de onde jorram leite e mel, especialmente para nós, depois das experiências de guerra. No começo, não tínhamos nem um tostão. Recebíamos ajuda de instituições de caridade, as quais também nos ajudavam a encontrar trabalho. Minha mãe lavava louça em um restaurante; eu comecei a trabalhar em uma confecção, em Estocolmo. Eles me deram treinamento por uma semana, mais ou menos, depois afirmaram que eu já poderia costurar sozinha, sem ajuda de ninguém. Naquela época, minha irmã tinha uns 14 anos. Pela manhã, costurava botões, à tarde, frequentava a escola. Eu decidi fazer um curso de modelagem aos sábados, pois refleti que, como não teria possibilidade de ir para a universidade, então daria um jeito com a costura. Teria que ganhar dinheiro de algum jeito. Levaram-me a uma senhora elegante e agradável que me dava aulas aos sábados, mas depois de algum tempo eu precisei parar. Apesar de não poder continuar com as aulas de corte, eu trabalhava na confecção. Mas como sempre fui muito boa em matemática, aprendi a modelar e devagar, bem devagar, desenvolvi a habilidade e me mantive nesse negócio. Também comecei a costurar vestidos para mamãe e para minha irmã, pois nosso guarda-roupa estava em um estado lastimável, e lá na confecção vendiam por uns trocados o que sobrava dos materiais. Até que, certo dia, um padre que conhecemos lá nos deu certidões de que éramos católicas, e foi quando recebemos o visto para o Brasil.

### **A viagem para o Brasil**

Da Suécia fomos até a França e, de lá, do porto de Le Havre, fomos de navio para o Brasil. Tudo isso foi custeado pelo meu tio. A organização que trazia imigrantes poloneses ao Brasil ficava em Lublin. Tenho impressão de que era uma organização oficial do governo que trazia os camponeses poloneses, principalmente para o Sul do Brasil, para o estado do Paraná. Antes de tudo, aqueles que queriam começar uma vida nova. Ela funcionava já nos anos 1930, antes da guerra. Meu tio trabalhou nessa organização na Polônia e, nos anos 1930, foi enviado como representante para o Brasil. Ele mudou para o Brasil mais tarde, quando na Polônia começaram os excessos antissemitas, ainda antes da eclosão da guerra, mas quando um dia recebeu a notícia de Lublin, que havia sido despedido do seu posto, resolveu ficar no Brasil e fundou uma fábrica de gravatas. E foi justamente ele que conseguiu a passagem para três pessoas: para mim, minha mãe e minha irmã Janeczka. Fomos as únicas a sobreviver-de toda nossa família.

A viagem foi terrível. Ficamos na terceira classe, debaixo do deque, onde passageiros sentiam mais fortemente o balanço do navio, as crianças choravam e as pessoas

vomitavam. Em tudo quanto é canto havia fedor e sujeira. Era algo terrível. Mas chegamos ao Rio. Quando começamos a nos aproximar, quando vi essa bela cidade, essas montanhas, esse mar, me faltaram palavras!

## **Brasil**

Quando chegamos ao Brasil, titio já estava nos esperando. Ele tinha alugado para nós um pequeno apartamento em Copacabana, e minha tia disse que iria me arranjar um trabalho. Ela tinha uma conhecida que fazia chapéus no salão mais elegante de *haute couture* do Rio de Janeiro. Fui recebida lá. Era uma senhora de Łódź, onde ainda antes da guerra possuía uma chapelaria. Ela ia quatro vezes por ano a Paris para conseguir modelos de chapéus. A guerra a surpreendeu em Paris, de onde, muitos anos depois, ela partiu para o Brasil. Logo conheci seu filho e, não muito depois, me casei com ele. Desse modo, eu trabalhava com a minha sogra como auxiliar de costura. Depois de chegar eu comecei a trabalhar, então não tive tempo de aprender a língua. Eu fui aprendendo no trabalho. Eu apontava o dedo e perguntava: “Como se fala isso?”. Depois eu repetia as palavrinhas novas. Vivendo e trabalhando, sem mais nem menos, eu comecei a falar português.

Depois de casada, dei à luz a um filho. E continuava trabalhando muito e sempre refletindo. Mergulhei na vida brasileira. Ia a Paris todos os anos para os desfiles de novas coleções e, em março, eu sempre tirava férias, e então ia conhecer o mundo em busca de inspiração. Estive na Índia, no Nepal, no Egito... A Itália eu conheci de cima a baixo.

Eu tinha um dos salões de moda mais famosos do Brasil, o Maison Liliana. Recebia encomendas da primeira-dama. Na verdade, eu nunca tive nenhuma vocação especial para a costura, mas acontece que, tendo bom gosto e autoconfiança, damos um jeito em tudo. Quem eu vesti? Sarah Kubitschek, Lily Marinho, todas as esposas dos ministros, as mulheres mais ricas do Rio. Na época em que o Rio ainda era capital, quando a rainha Elizabeth II veio fazer uma visita oficial, eu vesti as esposas de todos os políticos e embaixadores. Muitas pessoas me sugeriram que eu anotasse o que fofocavam, o que elas confidenciavam à sua costureira durante as conversas. Era realmente um ambiente onde aconteciam várias conversas interessantes. Todas queriam contar algo. As mulheres vinham e começavam a contar suas histórias sabendo que eu não as repetiria a ninguém. Então eu não poderia trair a confiança delas.

\*\*\*

Se eu já quis voltar para a Polônia? É muito bom ir, mas, voltar para sempre, acho que não mais. No meu aniversário de 90 anos, meu filho levou a mim e a minha irmã a Pinsk, cidade da nossa infância. Quando chegamos lá, não reconheci a cidade. A única coisa que não mudou foi a avenida Nadbrzeźna margeando o rio Pina. Agora, todas as ruas têm nomes diferentes, e quando eu perguntava onde era a Dominikańska, a rua onde eu morava, ninguém sabia me responder. Então nós andamos e andamos, procuramos uma casa conhecida, mas a única casa que me lembrou alguma coisa foi a de uma amiga minha, filha de um cirurgião. E acabei não encontrando minha própria casa. Afinal de contas, já tinham se passado quase setenta e cinco anos desde que partíramos.

Eu sinto muita falta das minhas amigas que moram na Polônia. Sinto falta da cultura polonesa. Mesmo que as amigas mandem, de vez em quando, livros em polonês e eu as visite, às vezes, assim como elas também vêm me visitar.

O Brasil nos recebeu muito bem. Fiquei encantada com este país e com o fato de não haver diferenças religiosas. A nós, estrangeiros, nos receberam muito bem. É um país excepcional sob esse aspecto. Aqui eu nunca encontrei antissemitismo.

## **LILIANA SYRKIS** **“Z Syberii do Brazylii”**

Liliana Syrkis, z domu Binensztok, urodziła się 14 października 1923 roku w Pińsku. W 1939 roku została wywieziona wraz z matką i młodszą siostrą na Syberię, gdzie pracowała w kołchozie. Rok po wojnie wróciła do Polski. Jej ojciec, Alfred Binensztok, został zamordowany w Charkowie w 1940 roku. W drugiej połowie lat czterdziestych wyjechała z matką i siostrą do Szwecji. 8 czerwca 1948 roku dopłynęły na pokładzie statku “Groix” do portu w Rio de Janeiro. Po przyjeździe zaczęła pracować jako pomoc krawiecka w salonie *haute couture*. Dział kapeluszy prowadziła tam Róża Poznańska, matka Eugeniusza Syrkisa, za którego wkrótce Liliana wyszła za mąż. Z czasem Liliana stała się właścicielką butiku, którego nazwę zmieniła z “Maison Colette” na “Maison Liliana”. Jej syn, polityk i dziennikarz Alfredo Syrkis (ur. 1950), jest autorem powieści *Os carbonários* (za którą otrzymał nagrodę Jabuti w 1981 roku), *Roleta chilena* (1981) oraz *Corredor polonês* (1983). Liliana natomiast jest autorką autobiografii pod tytułem *Lila* (2011).



## Wywózka na Syberię

W 1939 roku miałam szesnaście lat. Któregoś dnia idę do szkoły, wchodzę do klasy, a tam moje koleżanki komentują między sobą:

– Słyszałaś, że Lilę dzisiaj wysłali na Sybir?

Ja im na to, że wcale mnie nigdzie nie wysłali, ale zrozumiałam, że prawdopodobnie w międzyczasie, kiedy szłam z domu do szkoły, to już NKWD podjechało, żeby zabrać matkę, więc czym prędzej wróciłam do domu, żeby nie zostawić jej samej. Moja siostra Janeczka miała wtedy sześć lat. Matka powiedziała, że jej na tę tułaczkę nie weźmie, że zostawi ją lepiej w Pińsku z babcią. W ostatniej chwili zmieniła jednak zdanie i zabrała ją ze sobą, mówiąc:

– Co się stanie ze mną i Lilą, to się stanie i z Janeczką.

A co by to było, gdyby mama ją zostawiła? W Pińsku wszyscy Żydzi zostali zabici, może troje się uratowało. Więc to był cud, że udało się nam wyjechać na Sybir, gdzie wprawdzie o głodzie i chłódzie, ale przeżyliśmy.

Był kwiecień 1940 roku. Jechaliśmy pociągami towarowymi przez trzy tygodnie. Siedziało się na takich drewnianych pryczach, na które było rzucone trochę słomy. Zatrzymywałyśmy się od czasu do czasu na stacjach. Tam dostawałyśmy *kipiatok*, czyli wrzątek i czarny chleb. Na każdej stacji był jeden kran z zimną wodą i drugi z wrzątkiem. Przejechaliśmy przez Pietropawłowsk i dojechaliśmy do miasta Kokczetaw. Tam przeładowali nas na sanie zaprzęgnięte w woły. Jechaliśmy dwa dni do wioski Aryk Balyk. Był już wtedy początek maja, ale wszędzie jeszcze leżał śnieg.

Jak wszędzie w Rosji, tam również było NKWD, które teoretycznie nas nadzorowało, ale w sumie to dokąd można było stamtąd uciec? Czytałam kiedyś książkę o pewnym polskim oficerze – jedynym, któremu udało się uciec z Syberii. Dwa lata minęły, zanim doszedł do Persji. Zatem żadna forma nadzoru nad nami nie była konieczna, bo jakakolwiek próba ucieczki nie miała w ogóle sensu.

Z Aryk Balyk dowieźli nas następnego dnia do maleńkiej wioszczyny o jednej jedynej ulicy – Nowoswietlowka, gdzie zamieszkało z nami pięć rodzin z Pińska. Były to rodziny wojskowych, przeważnie podoficerów, z którymi wspólnie odbyliśmy podróż pociągiem. Jedna z rodzin to byli nasi sąsiedzi, którzy w Pińsku mieszkali na tej samej ulicy, co my. Reszty osób nie znałyśmy. Strasznie tam głodowałyśmy.

Potem z tej wioski zostałyśmy wysłane do miasteczka powiatowego, gdzie po skończeniu szkoły zaczęłam pracować. Z początku w szpitalu, potem w kołchozie. Mama płakała, była zupełnie roztrzęsiona. To była kobieta, która nigdy w życiu nie pracowała i

za nic nie umiała dostosować się do nowych, tragicznych warunków życia. A siostrzyczka była mała, więc obie były tam na moim utrzymaniu. Dali nam kawałeczek ziemi położonej o sześć kilometrów od wioski. Mogłam tam posadzić kartofle. Posadziłam je wiosną, okopywałam przez lato, a na jesień zebrałam ich całą tonę. Potem ręcznym wózkiem wiozłam je do chaty, w której mieszkaliśmy. Każda taka chata miała piwnicę. Przechowywałyśmy tam kartofle i przez okrągły rok nie miałyśmy nic innego do jedzenia. Ludzie tak strasznie głodowali, że często byli spuchnięci z głodu.

Zaraz po przyjeździe zaczęłam chodzić do szkoły. Wprawdzie na początku nie znałam jeszcze języka rosyjskiego, ale ambicja mnie ponosiła, żeby nauczyć się go szybko i dostawać dobre stopnie. Nie było tam wioski, w której nie byłoby szkoły. Gimnazjum, do którego chodziłam, znajdowało się w odległości osiemnastu kilometrów od Nowoswietlowki. Latem i w dni wolne od szkoły pracowałam w kołchozie. Z początku robiłam cegielki z nawozu krowiego. Suszyło się je latem na słońcu, potem się nimi paliło w piecu podczas zimy.

### **Praca w kołchozie**

Praca w kołchozie była męcząca. Mężczyzn tam już prawie nie było, bo zostali powołani do wojska, więc myśmy pracowały od wschodu do zachodu słońca.

Jedna z prac polegała na tym, że pieliliśmy żyto. Rósł tam piołun i oset. Jak wyrzywałyśmy piołun, to czuło się gorzycz w ustach, stąd mówi się, że coś jest gorzkie jak piołun. Oset natomiast ma kolce, więc trzeba było szmatą owinąć rękę, inaczej cała była we krwi. I tak od rana do nocy pochylona zrywałam, czyściłam, pieliałam. Była jedna Polka wśród nas, która pracowała na kombajnie, jej lepiej się powodziło. Ja przez jakiś czas pracowałam przy spichrzach, silosach. Musiałam przesypywać żyto z jednego silosu do drugiego. Na nogach miałam buciki, więc garść żyta wsypywałam do jednego buta i garść do drugiego. Gdyby złapali mnie na takiej kradzieży, to pięć lat więzienia. Ale na szczęście nie złapali. Kiedy wracałam po pracy do domu, brałam ziarna i mełłam je między dwoma kamieniami. A potem tak grubo zmielone zalewałyśmy wodą i miałyśmy z tego ucztę. Człowiek wszystko wytrzyma, do wszystkiego się dostosuje. Tam było takie przysłowie, że człowiek jest trwalszy od stali, przeżyje wszystko, nawet to, czego metal nie może przeżyć.

\*\*\*

Kiedy pracowałam w szpitalu, zaraziłam się tyfusem plamistym. Było to wtedy, gdy przyjechały pociągi z zesłańcami z Kaukazu, a że lato było wyjątkowo gorące, a w

pociągach nie było mowy o żadnej higienie, to już w wagonach zaczęła się epidemia. Przywieziono ich do naszego szpitala. Nie było miejsca, nie było łóżek, więc wszyscy leżeli pokotem na podłodze. Ja wówczas pracowałam w biurze, ale jak trzeba było, robiłam szczepionki przeciwko ospie. Któregoś dnia mówię do lekarza:

– Doktorze, znalazłam taką dużą wesz. Obawiam się, że mogę zachorować na tyfus plamisty.

I po dwudziestu dniach – tyfus. Okropna choroba, temperatura dochodzi do czterdziestu stopni. Są tacy, którzy dostają halucynacji, trzeba ich przywiązywać do łóżka. Bardzo dużo osób umiera na tę chorobę. Ale przeżyłam.

### **Zima**

Zima na Syberii jest piękna. Śnieg skrzy się w słońcu tysiącem kryształów. Temperatura spadała do czterdziestu pięciu stopni poniżej zera, ale klimat jest suchy, więc mimo tego zimna i głodu nigdy nie złapałam tam przeziębienia. Na nogach nosiliśmy walonki, buty z wełny. Jak się strzyże owce, to pierwsza sierść jest długa, dobra na przędzę, na nitkę, żeby potem zrobić z niej szale czy spódnice, a druga jest krótka i z niej można robić walonki. Na formie zrobionej z drzewa ubija się tę sierść, i tak powstają walonki. Do tego nosiło się onucki, które robiło się czasami na drutach, ale na ogół były to takie szmaty, którymi się owijało nogi. Najgorsze były noce. Zimą dni są bardzo krótkie, a my nie mieliśmy lamp naftowych, tylko takie maleńkie buteleczki z naftą i knotem w środku. Kupowało się trochę nafty i zapalało knot. Lampka ta nazywała się “kopciulka”, ponieważ bardzo kopciała. Cały nos w środku był od tego czarny. Wieczorami prawie na ślepo robiłam na drutach różne chusty i rękawice, żeby nie było nam tak zimno. Kiedy był już wysoki śnieg, dostałam sanie, żeby pojechać po drzewo do lasu i przywieźć je na opał. Do tego czasu paliłyśmy tylko tymi cegielkami, które wycinałam z nawozu. Las był dosyć daleko od wioski, a ja byłam sama i musiałam ścinać drzewa, rąbać je i składać drewno na sanie. Jak wróciłam do domu, było już zupełnie ciemno. Matka wyszła przed chatę i dała mi pół szklanki bimbrowy, który tam pędzili z kartofli. Kazała mi go wypić. Nie pozwoliła, żebym weszła do domu taka zmarznięta i skostniała. Krew zaczęła wtedy lepiej krążyć i ręce się rozgrzały.

Latem za to było bardzo gorąco. Tam panuje klimat kontynentalny – zimy są bardzo ostre, a lato krótkie i gorące. Oni zresztą zawsze mawiali, że panuje tam bardzo dobry klimat: tylko dziewięć–dziesięć miesięcy zimy, reszta wszystko lato. Wiosną i latem chodziłam na bosaka. Zamożniejsi to mieli skórzane buty, ale to tylko bogacze tamtejsi, a nie my.

## Po wojnie

Z Syberii do Polski wróciliśmy pociągami w drugiej połowie 1946 roku. Mieliśmy jeszcze wtedy nadzieję, że ojciec żyje. Dopiero potem zaczęły rozchodzić się pogłoski na temat zbrodni katyńskiej. Ale nic konkretnego. Dopiero po procesie w Norymberdze wszystko wyszło na jaw, ale to też do Polski nie bardzo docierało. Ale to właśnie wtedy doszły do nas słuchy, że ojciec zginął w Katyniu. Niedługo potem nastąpił pogrom kielecki. Moja mama wiedziała już wtedy, że jest wdową, i spotkała się w Warszawie z naszym byłym sąsiadem z Pińska, też wdowcem. Zamierzał on wyemigrować do Australii i powiedział, że my również powinniśmy opuścić Polskę po tym, co się stało w Kielcach.

– Widzicie co się tu w Polsce dzieje? – powiedział.

Zanim wyjechaliśmy z Polski w 1947 roku, jeszcze przez rok mieszkałam w Warszawie przy ulicy Stalowej pod numerem 45. Pracowałam w Centralnym Komitecie Żydów w Polsce, na maszynie coś stukałam i złożyłam podanie na uniwersytet. Zostałam przyjęta na Uniwersytet Warszawski na wydział pediatrii.

Pewien mój wujek mieszkał już wtedy w Brazylii. Jeszcze przed wojną pracował w organizacji zajmującej się sprawami emigracji chłopów polskich. Za jego pośrednictwem wielu Polaków osiedliło się w Kurytybie. Wojna zastała go już tam, w Brazylii. Gdy dowiedział się, że z całej rodziny tylko myśmy ocalały, napisał do nas, że wysła nam papiery i bilet, żebyśmy jak najszybciej przyплыnęły. Ale były z tym trudności, ponieważ podczas prezydentury Getúlio Vargasa<sup>7</sup> Żydów nie wpuszczali do Brazylii. W 1947 roku pojechaliśmy więc do Szwecji, gdzie zostałyśmy przez prawie rok. Obawiałyśmy się, że nie damy sobie tam rady, ale okazało się, że jest to dosłownie kraj mlekiem i miodem płynący, szczególnie dla nas, po przejściach wojennych. Na początku nie miałyśmy ani grosza. Otrzymałyśmy pomoc od instytucji charytatywnych, które również pomogły nam w znalezieniu pracy. Moja matka zmywała naczynia w restauracji, a ja zaczęłam pracować w fabryce konfekcji w Sztokholmie. Uczyli mnie przez jakiś tydzień, po czym stwierdzili, że już mogę szyć sama, bez niczyjej pomocy. Moja siostra miała wtedy chyba czternaście lat. Rano przyszywała guziki, a po południu chodziła do szkoły. Postanowiłam zrobić kurs kroju w soboty, bo pomyślałam sobie, że skoro nie będę miała możliwości, żeby pójść na uniwersytet, to może jakoś z tym szyciem dam sobie radę. Przecież trzeba będzie jakoś zarabiać. Skierowali mnie do takiej eleganckiej, przyjemnej pani, która w soboty dawała mi lekcje. Ale po jakimś czasie musiałam z nich zrezygnować. Pracowałam zatem w konfekcji, mimo że nie mogłam kontynuować zajęć z kroju. Ale

---

<sup>7</sup> Getúlio Vargas (1882–1954) – prezydent Brazylii w latach 1930–1945 i 1951–1954.

że zawsze byłam bardzo dobrą matematyczką, to jakoś nauczyłam się kroić i tak powoli, powoli dochodziłam do wprawy i zostałam przy tym interesie. Zaczęłam też szyć suknie dla mamy i siostry, bo nasza garderoba była w opłakanym stanie, a w fabryce konfekcji za grosze sprzedawano pracownikom resztki materiałów. Aż któregoś dnia pewien ksiądz, którego tam poznałyśmy, dał nam papiery zaświadcujące, że jesteśmy katoliczkami, i dopiero wtedy dostałyśmy wizy do Brazylii.

## **Podróż do Brazylii**

Ze Szwecji pojechaliśmy do Francji, a stamtąd, z portu w Hawrze, wypłynęliśmy statkiem do Brazylii. Wszystko zostało opłacone przez mojego wujka. Organizacja sprowadzająca polskich emigrantów do Brazylii znajdowała się w Lublinie. Mam wrażenie, że była to oficjalna rządowa organizacja, która sprowadzała chłopów polskich głównie na południe Brazylii, do stanu Paraná. Przede wszystkim tych, którzy chcieli zacząć nowe życie. Działała ona jeszcze w latach trzydziestych przed wojną. Mój wujek pracował w tej organizacji w Polsce i w latach trzydziestych posłano go jako przedstawiciela do Brazylii. Zamieszkał tam później, kiedy w Polsce zaczęły się ekscesy antysemickie jeszcze przed wybuchem wojny, ale po tym, jak któregoś dnia dostał wiadomość z Lublina, że został zwolniony z posady, postanowił zostać w Brazylii i założył tam fabrykę krawatów. I to on właśnie załatwił bilet dla trzech osób, dla mnie, mojej mamy i mojej siostry Janeczki. Byłyśmy jedynymi, które ocalały z naszej rodziny.

Podróż była straszna. Odbyliśmy ją na statku, w trzeciej klasie, pod pokładem, gdzie pasażerowie silniej odczuwali kołysanie statku, dzieci płakały, ludzie wymiotowali. Wszędzie smród i brud. To było coś strasznego. Ale dopłynęliśmy do Rio. Jak się zaczęliśmy zbliżać, kiedy zobaczyłam to piękne miasto, te góry, to morze! Brak mi słów.

## **Brazylia**

Kiedy przyплыliśmy do Brazylii, wujek już na nas czekał. Wynajął dla nas małe mieszkanie na Copacabanie, a moja ciocia powiedziała, że załatwi mi pracę. Miała ona znajomą, która robiła kapelusze w najelegantszym salonie *haute couture* w Rio de Janeiro. Przyjęła mnie. Ta pani była z Łodzi, gdzie jeszcze przed wojną miała salon kapeluszy. Cztery razy do roku jeździła do Paryża po modele kapeluszy. Wybuch wojny zastał ją w Paryżu, skąd kilka lat później dotarła do Brazylii. Wkrótce poznałam jej syna i niedługo potem wyszłam za niego mąż. Pracowałam więc u mojej teściowej

jako pomocnica krawcowej. Od razu po przyjeździe zaczęłam pracować, więc nie miałam czasu na naukę języka. Uczyłam się w pracy. Palcem pokazywałam, pytałam “jak to się nazywa?”. Potem powtarzałam nowe słówka. Żyjąc i pracując, ni stąd, ni zowąd, zaczęłam mówić po portugalsku.

Potem wyszłam za mąż, urodziłam syna. I wciąż dużo pracowałam i stale rozmyślałam. Wsiąknęłam w brazylijskie życie. Latałam do Paryża co roku na pokazy nowych kolekcji, w marcu zawsze miałam wakacje, więc jeździłam zwiedzać świat, szukając inspiracji. Byłam w Indiach, Nepalu, Egipcie, Włochy zjeździłam wzdłuż i wszerz.

Miałam tu jeden z najsłynniejszych w Brazylii salonów mody, *Maison Liliana*. Na zamówienia szyłam kreacje dla prezydentowej. Wprawdzie nigdy do szycia specjalnego powołania nie miałam, ale okazuje się, że mając gust i pewność siebie można sobie ze wszystkim dać radę. Kogo ubierałam? Sarah Kubitschek<sup>8</sup>, Lily Marinho<sup>9</sup>, wszystkie ministrowe, najbogatsze kobiety w Rio. Jeszcze kiedy Rio było stolicą, kiedy królowa Elżbieta tu przyjechała z wizytą, to ubierały się u mnie wszystkie żony polityków i ambasadorów. Wiele osób namawiało mnie, żebym spisała, o czym plotkują w wolnym czasie, z czego się zwierniają podczas rozmów ze swoją krawcową. Rzeczywiście było to miejsce, w którym krążyło wiele ciekawych rozmów. Każda chciała się wygadać. Bo takie kobiety przychodzą i zaczynają opowiadać swoje historie, wiedząc, że nikomu nie powtórzę. Więc nie mogę nadużyć ich zaufania.

\*\*\*

Czy kiedyś chciałabym wrócić do Polski? Bardzo chętnie pojechać, ale wrócić na stałe to już chyba nie. Na moje dziewięćdziesiąte urodziny mój syn zabrał mnie i moją siostrę do Pińska, do miasta naszego dzieciństwa. Gdy tam przyjechałyśmy, nie rozpoznałam miasta. Jedyne, co się nie zmieniło, to Nadbrzeżna nad rzeką Piną. Wszystkie ulice mają teraz zmienione nazwy, a gdy się pytałam, gdzie jest Dominikańska, na której mieszkałam, nikt nie potrafił mi odpowiedzieć. Więc tak chodziłyśmy i chodziłyśmy, szukałyśmy jakiegoś znajomego domu, ale jedyny dom, który mi cokolwiek przypominał, to był dom mojej przyjaciółki, córki chirurga. A własnego domu nie odnalazłam. Ostatecznie minęło od naszego wyjazdu prawie siedemdziesiąt pięć lat.

---

<sup>8</sup> Sarah Kubitschek – żona Juscelino Kubitschka de Oliveiry (1902–1976), brazylijskiego polityka, prezydenta kraju (wówczas Republiki Zjednoczonych Stanów Brazylii) w latach 1956–1961.

<sup>9</sup> Lily Marinho – żona Robert Pisani Marinho, dziennikarza i przedsiębiorcy brazylijskiego, właściciela Grupo Globo.

Brak mi moich przyjaciółek, które mieszkają w Polsce. Brak mi kultury polskiej, mimo że przyjaciółki przysyłają mi polskie książki i od czasu do czasu przyjeżdżają do mnie, tak jak i ja je czasem odwiedzałam.

Brazylia przyjęła nas nadzwyczajnie. Byłam zachwycona tym krajem, tym, że nie ma takich różnic religijnych. Nas, cudzoziemców, przyjęli tu bardzo serdecznie. Ten kraj jest nadzwyczajny pod tym względem. Nigdy tutaj nie spotkałam się z antysemityzmem.

## **REFERÊNCIA**

PLUTA, Aleksandra. Liliana Syrkis – “Z Syberii do Brazylii”. In: PLUTA, Aleksandra. *Droga do Rio: historie polskich emigrantów*. Varsóvia: PWN, 2017. p. 44-53